

Data de submissão: 31/07/2018

Data de aceite: 04/12/2018

RESENHA DO FILME *DOIS DIAS, UMA NOITE*, DE LUC DARDENNE E JEAN-PIERRE DARDENNE: UMA DISCUSSÃO SOBRE TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO E SAÚDE MENTAL¹

Review of the film *Two days, one night*, by Luc Dardenne and Jean-Pierre Dardenne: a discussion about transformations in work and mental health

Revue du film *Deux jours, une nuit*, par Luc Dardenne and Jean-Pierre Dardenne: discussion sur les transformations du travail et de la santé mentale

La reseña de la película *Dos días, una noche*, de Luc Dardenne and Jean-Pierre Dardenne: una discusión sobre transformaciones en el trabajo y la salud mental

Yohanna Breunig²

<http://lattes.cnpq.br/280024888265494>.

Mestranda em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC (Bolsista PROSUC/Capes). Psicóloga, graduada em Psicologia pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC (2017). Integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Trabalho e Emancipação. Experiência na área de Psicologia, com ênfase em Processos Clínicos. Mobilidade Acadêmica no Instituto Superior de Psicologia Aplicada - ISPA em Portugal (2016).

Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

Marlon Freitas de Campos³

<http://lattes.cnpq.br/3543945469547240>.

Mestre em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC (2018). Psicólogo, graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG (2014). Pesquisa na área de Saúde do Trabalhador, Trabalho Docente e Saúde Mental Docente.

Resumo

A presente resenha tem o intuito de ampliar as discussões e reflexões acerca das transformações em curso no mundo do trabalho e seus impactos na saúde mental de trabalhadores e trabalhadoras, a partir da análise do filme *Dois dias, uma noite*, dirigido por Luc Dardenne e Jean-Pierre Dardenne, 2014. O longa-metragem traz questões contemporâneas e pertinentes ao mundo do trabalho, o qual tem favorecido o individualismo e a competitividade, fragmentando e enfraquecendo os espaços coletivos, o que dificulta a luta por melhores condições de trabalho. É o que nos mostra a história da protagonista, que está prestes a perder o emprego após período de afastamento para tratamento de depressão. O modelo fabril capitalista é retratado no longa a partir da história da protagonista e evidencia a intenção da fábrica em manter a produção com redução dos custos, levando o empregador a colocar sob responsabilidade dos próprios trabalhadores a decisão por manterem a trabalhadora ou preservarem seu bônus. Na trama, identificamos questões atuais do mundo do trabalho, como adoecimento,

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² yohanna_breunig@hotmail.com

³ marlonfjp@gmail.com

necessidade financeira, medo do desemprego e fragmentação coletiva, mas, também, empatia e solidariedade entre trabalhadores. Exaltamos a relevância do resgate do sindicalismo e da união dos trabalhadores enquanto coletivos capazes de analisar e transformar o trabalho.

Palavras-chave: Capitalismo; Organização do Trabalho; Saúde do Trabalhador; Sindicalismo.

Abstract

This review aims to expand the discussions and reflections about the transformations underway in the world of work and its impacts on workers' mental health, through the analysis of the film *Two Days, One Night*, directed by Luc Dardenne and Jean-Pierre Dardenne, 2014. The feature film brings contemporary issues pertinent to the world of work, which has favored individualism and competitiveness, fragmenting and weakening collective spaces, which makes difficult the fight for better working conditions. This is what the story of the protagonist, who is about to lose her job after a period of absence to treat depression, shows us. The capitalist factory model is portrayed in the film through the protagonist's story and shows the factory's intention to maintain production at a cost reduction, making the employer place the responsibility of deciding between keeping the worker or preserving their bonus to the workers themselves. In the plot, we identify current issues of the work world, such as illness, financial need, fear of unemployment and collective fragmentation, but, also, empathy and solidarity between workers. We exalt the relevance of the rescue of unionism and the union of workers as collectives capable of analyzing and transforming work.

Keywords: Capitalism; Work Organization; Workers Health; Syndicalism.

Résumé

Cette revue vise à élargir les discussions et les réflexions sur les transformations en cours dans le monde du travail et leurs impacts sur la santé mentale des travailleurs, à partir de l'analyse du film *Deux Jours, Une Nuit*, réalisé par Luc Dardenne et Jean-Pierre Dardenne, 2014. Le long métrage présente des questions contemporaines pertinentes pour le monde du travail, qui ont favorisé l'individualisme et la compétitivité, fragmenté et affaibli les espaces collectifs, rendant difficile la lutte pour de meilleures conditions de travail. C'est ce que nous montre l'histoire de la protagoniste, qui est sur le point de perdre son emploi après une période de retrait pour traiter la dépression. Le modèle d'usine capitaliste est décrit dans le film de l'histoire du protagoniste et montre l'intention de l'usine de maintenir la production à un coût réduit, ce qui conduit l'employeur à placer la responsabilité des travailleurs eux-mêmes pour garder le travailleur ou la préserver bonus. Dans l'intrigue, nous identifions les problèmes actuels du monde du travail, tels que la maladie, les besoins financiers, la peur du chômage et la fragmentation collective, mais aussi l'empathie et la solidarité entre les travailleurs. Nous exalons la pertinence du sauvetage du syndicalisme et de l'union des travailleurs en tant que collectifs capables d'analyser et de transformer le travail.

Mots-clés: Capitalisme; Organisation du Travail; Santé des Travailleurs; Syndicalisme.

Resumen

La presente reseña tiene el propósito de ampliar las discusiones y reflexiones sobre las transformaciones en curso en el mundo del trabajo y sus impactos en la salud mental de trabajadores y trabajadoras, a partir del análisis de la película. *Dos días, una noche*, dirigida por Luc Dardenne y Jean-Pierre Dardenne, 2014. El largometraje trae cuestiones contemporáneas y pertinentes al mundo del trabajo, el cual ha favorecido el individualismo y la competitividad, fragmentando y debilitando los espacios colectivos, lo que dificulta la lucha por mejores condiciones de trabajo. Es lo que nos muestra la historia de la protagonista, que está a punto de perder el empleo después de un período de alejamiento para el tratamiento de la depresión. El modelo fabril capitalista es retratado en el largo a partir de la historia de la protagonista y evidencia la intención de la fábrica en mantener la producción con reducción de los costos, lo que lleva al empleador a colocar bajo responsabilidad de los propios trabajadores la decisión por mantener a la trabajadora o preservar su trabajo bonificación. En la trama, identificamos cuestiones actuales del mundo del trabajo, como la enfermedad, la necesidad financiera, el miedo al desempleo y la fragmentación colectiva, pero también la empatía y la solidaridad entre trabajadores. Exaltamos la relevancia del rescate del sindicalismo y de la unión de los trabajadores como colectivos capaces de analizar y transformar el trabajo.

Palabras clave: Capitalismo; Organización del Trabajo; Salud del Trabajador; Sindicalismo;

INTRODUÇÃO

A presente resenha tem o intuito de ampliar as discussões e reflexões acerca das transformações em curso no mundo do trabalho e seus impactos na saúde mental de trabalhadores e trabalhadoras. Para propiciar esse debate optamos por abordar, como dispositivo, o filme franco-italo-belga intitulado *Dois dias, uma noite* (originalmente *Deux jours, une nuit*), dirigido por Luc Dardenne e Jean-Pierre Dardenne, cujo lançamento ocorreu no ano de 2014.

O longa-metragem retrata a história de Sandra (Marion Cotillard), que é funcionária em uma fábrica, esposa e mãe de dois filhos. A personagem, afastada do trabalho por alguns meses devido a um quadro de depressão, é informada de que será demitida quando está prestes a retomar suas atividades. A decisão do diretor da empresa se deu a partir da percepção de que é viável manter a produção com um funcionário a menos – em consonância com a lógica de produzir mais, com menos gastos e em menor tempo (Gaulejac, 2007) –, o que o leva a oferecer um bônus aos trabalhadores e, em contrapartida, demitir Sandra. Tal decisão, por sua vez, fica a cargo dos próprios trabalhadores que, a partir de votação, decidem pela manutenção do bônus em detrimento da colega. Juliette (Catherine Salée), colega, amiga de Sandra e uma liderança entre os trabalhadores (conforme fica implícito no enredo), encoraja Sandra a falar com o dono da empresa para que a votação seja refeita.

Com o pedido aceito, Sandra passa a ter dois dias para convencer seus colegas a votarem em favor da manutenção de seu emprego, o que implica que eles abram mão do bônus. A trabalhadora, que ainda se recupera da depressão (e que toma antidepressivos com frequência) e atormentada com a presente situação, conta com grande apoio de Juliette e de seu marido, Manu (Fabrizio Rongione). Assim, este enredo nos coloca frente a questões pertinentes ao mundo do trabalho, tendo em vista as transformações pelas quais tem passado, e que repercutem no modo como os empregadores e trabalhadores o compreendem, bem como na sua execução, gerando, também, consequências físicas e psíquicas para quem trabalha.

A partir de Dejours (2013), podemos afirmar que o trabalho pode favorecer o fortalecimento da saúde mental ou, por outro lado, degradá-la, facilitando vivências de sofrimento e adoecimento, e nesta dinâmica de possibilidades, a organização do trabalho será determinante. Nesse sentido, as transformações do trabalho nunca são indiferentes à saúde de quem o executa. A mais recente das importantes transformações no mundo do trabalho no sistema capitalista se dá a partir da crise da década de 1970 do século XX, com a

reestruturação produtiva que implementa, através do ideário flexível japonês, o qual teve como precursora a montadora Toyota, uma nova fase do sistema capitalista (Alves, 2000).

Enquanto nos modelos fordista e taylorista encontrávamos uma produção massiva, com clara divisão do trabalho, que cindia os processos de elaboração e execução e fragmentava ao máximo o processo produtivo, com a entrada do toyotismo no mundo do trabalho, juntamente com a reestruturação produtiva, passa-se a exigir um trabalhador polivalente, que tenha maior envolvimento, participação, eficiência e que assuma uma multifunção no trabalho (Perez, 2014). Desse modo, percebemos que as empresas passam a se apropriar mais dos saberes dos trabalhadores, instigando a sua participação e o maior conhecimento sobre o funcionamento das mesmas, a fim de obterem melhores resultados no processo produtivo.

A ascensão do modelo de produção flexível ou toyotista que passou a substituir ou mesclar-se com as experiências tayloristas/fordistas, portanto, marca importantes transformações no mundo do trabalho (Antunes, 2005). Além da já mencionada polivalência dos trabalhadores, as subcontratações, a flexibilização de direitos trabalhistas, o estoque mínimo e a estruturação a partir de um número reduzido de trabalhadores (suprindo as necessidades da produção, quando necessário, através de horas-extra, trabalhadores temporários ou outras formas “flexíveis” de trabalho) também são características desta nova fase (Antunes, 2005).

O longa-metragem traz questões pertinentes ao mundo do trabalho contemporâneo, portanto, visibilizando, por exemplo, a característica de incentivo ao individualismo nas organizações por meio da competitividade entre os trabalhadores (mecanismos como o sistema de metas e de avaliação individualizada, entre outros, facilitam que os pares compreendam-se como “adversários” na luta pela garantia da permanência no emprego, por bonificações e promoções), de modo que estes se veem impelidos a “fazer o que for necessário” para conservar o seu emprego e garantir sua subsistência e de suas famílias. Dessa forma, um dos desdobramentos das transformações mais recentes no modo de produção capitalista é a fragmentação e enfraquecimento dos espaços de coletivos, dificultando a luta por melhores condições de trabalho e até mesmo, em alguns casos, minimizando a empatia pelos colegas (Bottega, Perez & Merlo, 2013).

Nesta fase, marcada também pela preocupação com a qualidade do produto sem que se exima a pressão por produtividade, predomina a lógica de que não há tempo a perder, e muito menos para adoecer. E se isso acontece, infelizmente, muitas vezes o trabalhador acaba sendo visto de forma negativa. Tal situação é semelhante ao que é vivenciado pela personagem

Sandra no longa, que, devido à depressão, foi compreendida como uma trabalhadora menos produtiva, que talvez já não trouxesse mais tantos benefícios ao trabalho e, portanto, poderia ser “descartada”. É o que também afirma Perez (2014, p. 182) ao referir que enquanto “alguns trabalhadores se engajam nos objetivos e metas da empresa [...] outros são tratados como ‘peças’ descartáveis”.

Na trama, a provável demissão representa um duro golpe para a personagem principal, afetando, também, sua saúde mental. É possível considerar a relevância do trabalho e sua relação com a saúde mental dos indivíduos através de um leque de fatores. Primeiro, desde a perspectiva crítica, o trabalho, compreendido como a capacidade de transformar a natureza de forma planejada, é justamente o que nos torna humanos, e independe das diferentes formas sociais (Marx, 2013).

Nas sociedades contemporâneas, por sua vez, em que o trabalho assume a forma de mercadoria, sua relação com a saúde mental não é desimportante. Conforme Pinheiro e Monteiro (2007), para muitos trabalhadores o ambiente laboral é o único espaço onde eles mantêm um “elo social” fora do convívio familiar. Ao mesmo tempo, “ter um trabalho” ou “estar empregado” ganha, nas sociedades capitalistas, uma importância moral, de forma que “só se é alguém quando se é um trabalhador ou explorador do trabalho de outrem” (Wickert, 1999, p. 69). Além de representar, por óbvio, a forma pela qual adquire a remuneração para sua subsistência e de sua família, e que muitas vezes auxilia na estruturação temporal (Pinheiro & Monteiro, 2007).

Isso nos mostra a centralidade do trabalho na vida dos sujeitos, os quais se sentem úteis e inseridos socialmente quando possuem uma atividade. Este trabalho é permeado pela dinâmica de prazer e sofrimento, visto que o sujeito coloca seu engajamento e sua subjetividade na atividade laboral que realiza, construindo novas relações sociais e formando sua identidade (Dejours, 2004). No longa, não apenas Sandra vive um momento de intenso sofrimento frente à possibilidade de perder o emprego, mas também seus colegas sofrem ao terem que fazer a difícil escolha entre mantê-la empregada ou preservar o seu bônus.

Como mencionamos anteriormente, no decorrer da trama a protagonista procura cada um dos colegas de trabalho buscando convencê-los a votar por sua permanência no emprego. Neste enredo fica evidente a preocupação e o sofrimento desses trabalhadores tanto em relação à colega quanto com sua própria condição de sobrevivência e manutenção familiar, o que pode representar o que Dejours (2013) chama de “sofrimento ético”, ou seja, o sofrimento decorrente da sensação de traição dos próprios valores. Nesse sentido, o filme visibiliza, também, o sofrimento dos demais trabalhadores, que, não obstante não chegue a configurar

um transtorno mental grave, como no caso da personagem protagonista, representa um caso comum de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho.

Embora não seja aprofundada a discussão acerca do quadro de depressão desenvolvido por Sandra – não nos permitindo estabelecer relação direta com o trabalho –, Gaulejac (2007, p. 225) alerta que, conforme o *Bureau International du Travail*, “5% das saídas da empresa se devem à depressão” e que segundo “as cifras da Agência europeia para a segurança e a saúde no trabalho, 28% dos assalariados europeus seriam atingidos, ou seja, 41 milhões de trabalhadores, dos quais uma maioria de mulheres”. Assim, mesmo sem fazer um nexo causal entre trabalho e doença no caso de Sandra, salientamos a importância de tais questões serem investigadas quando os trabalhadores apresentam comprometimento em sua saúde mental, visto que o trabalho tem sido, em muitos casos, fator de desgaste e esgotamento físico e mental.

De toda forma, fica evidente o agravamento à saúde mental da personagem a partir do risco de desemprego. Conforme aponta Seligmann-Silva (2011), diversos estudos se dedicaram a investigar os impactos subjetivos do desemprego e da recessão sobre os trabalhadores. A autora aponta, dentre outros, o estudo de Fried (1966 apud Seligmann-Silva, 2011), que identifica que no período de crises econômicas há elevações nos índices de suicídio e distúrbios mentais. Também menciona o estudo de Philippe (1990 apud Seligmann-Silva, 2011) que compara as taxas de tentativa de suicídio entre desempregados e na população geral, concluindo que o risco é quatro vezes maior entre os desempregados homens e duas vezes maior entre as desempregadas mulheres do que no respectivo grupo de gênero da população geral (Seligmann-Silva, 2011).

No que se refere ao filme, a personagem, que se recupera do quadro de depressão, buscando a retomada da atividade laboral, incorre à tentativa de suicídio a partir da ingestão de medicamentos quando recebe algumas respostas negativas à tentativa de reversão de votos para manutenção do seu emprego. Embora este quadro possa envolver múltiplos determinantes, o trabalho e o desemprego, no contexto da trama, parecem ter papel fundamental na tentativa de suicídio de Sandra.

A partir dessas considerações, podemos apontar que a luta da personagem pela manutenção de seu emprego é, também, em alguma medida, uma batalha em defesa de sua saúde. Conforme Dejours (1992), ao analisarmos historicamente a relação entre trabalho e saúde do trabalhador e da trabalhadora, podemos identificar que, mesmo que de forma sutil ou menos explícita, o esforço em defesa da saúde de quem trabalha esteve presente nos diferentes períodos que marcam as transformações do trabalho e as lutas dos trabalhadores. Segundo o

autor, na primeira fase do capitalismo, caracterizada pelo despotismo fabril, pelas longuíssimas jornadas (que ultrapassavam facilmente as 12 horas estipuladas), pelos baixíssimos salários e pelas condições insalubres, por exemplo, a luta dos trabalhadores para que não morressem em função do trabalho continha em si uma busca em defesa da saúde.

Da mesma forma, no período seguinte, marcado pela racionalização do trabalho e o advento do modelo taylorista/fordista, o confronto pela redução das jornadas e contra os impactos físicos da lógica de fragmentação radical do trabalho, implicava, também, no zelo pela saúde de quem trabalhava. Nos dois períodos, as lutas coletivas e sindicais tiveram papel fundamental. Primeiro, ainda em fase inicial de organização dos sindicatos, mas que permitiram avançar contra as condições calamitosas supracitadas, e no segundo momento, já com os sindicatos consolidados, permitindo uma maior organização dos movimentos dos trabalhadores e trabalhadoras que conquistam neste período, em diversos países, avanços como a jornada semanal de 40 horas, férias remuneradas e a Previdência Social (Dejours, 1992). O período seguinte, porém, e que se estende até os dias atuais, representado pela reestruturação produtiva, é caracterizado, também, pela crise do movimento sindical.

Nesse sentido, constatamos que a ocorrência da chamada crise do movimento sindical, vivenciada a partir dos anos de 1980, é uma das consequências das transformações do mundo do trabalho e pode ser percebida pela redução do número de trabalhadores filiados a sindicatos, do enfraquecimento dos coletivos de trabalho e pela própria diminuição das greves (Perez, 2014; Alves, 2000; Antunes, 2005), demonstrando o quanto os novos modos de gestão e de organização do trabalho têm contribuído para a presente situação. Desse modo, deparamo-nos com trabalhadores submetidos à flexibilização e intensificação do trabalho, em que o tempo é curto para dar conta das demandas e o sofrimento é sentido individualmente. Como bem coloca Perez (2014, p. 181), “de forma geral, a intensificação do trabalho se reflete em uma intensificação do desgaste humano: físico, emocional e intelectual”.

O longa não permite identificar qualquer organização de nível sindical daqueles trabalhadores e trabalhadoras. Pelo contrário, mais pela ausência de informações do que por uma crítica explícita, o que se percebe é a individualização do problema da demissão e da busca pela reversão do quadro, o que se evidencia pela jornada quase que solitária da protagonista na tentativa de reversão dos votos que consolidariam sua demissão. No mesmo sentido, as opções colocadas pela chefia, que condicionava a bonificação à demissão da trabalhadora, em nenhum momento foram questionadas, assim como não foi apontada, no longa, a luta coletiva como alternativa.

As transformações em curso nas últimas décadas, portanto, conforme destacamos ao longo da discussão, são relevantes do ponto de vista de seus desdobramentos e impactos ao cotidiano de trabalho, à saúde mental e à organização coletiva. No que se refere ao modo de produção vigente, entretanto, é possível afirmarmos tratar-se de mudanças que atingem, no máximo, sua epiderme. Ou seja, ainda sob a lógica capitalista são transformações que não alteram seu “*modus operandi*”, senão, pelo contrário, almejam a retomada do crescimento dos lucros mediante a crise do taylorismo-fordismo, assumindo, para tanto, o ideário flexível.

Apesar das dificuldades aqui apresentadas em relação ao mundo do trabalho, inserido em um sistema capitalista, o que constatamos a partir do longa é que, em alguma medida, a solidariedade ainda se faz presente na classe operária. É o que percebemos quando metade dos colegas de Sandra vota por sua permanência no trabalho, mostrando que o envolvimento com a organização do trabalho possui forte dimensão subjetiva, que vai além do retorno financeiro, perpassando as relações entre a equipe e empatia pelos colegas, de forma que permite vislumbrar a dimensão humanizante do trabalho mesmo nas situações adversas. Desta forma, exaltamos a relevância do resgate do sindicalismo e da união dos trabalhadores enquanto coletivos capazes de analisar e transformar o trabalho, na tentativa de resistirem à precarização e na busca por mudanças favoráveis aos trabalhadores na garantia de direitos e promoção da saúde.

Referências

- Alves, G. (2000). *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. (2005). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Campinas, SP: Cortez.
- Bottega, C. G., Perez, K. V., & Merlo, A. R. C. (2013). Saúde Mental e trabalho: uma construção histórica. *Revista AMAzônica, Amazonas, 11(2)*, 261-281. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4710243>.
- Dardenne, L., & Dardenne, J. (Diretores). (2014). *Dois dias, uma noite* [DVD]. Bélgica.
- Dejours. C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez – Oboré.
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção, 14(3)*, 27-34. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/prod/v14n3/v14n3a03.pdf>. doi:10.1590/S010365132004000300004.

- Dejours, C. (2013). A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 33(9), 09-28.
- Gaulejac, V. (2007). *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Aparecida, SP: Ideias & Letras.
- Marx, K. (2013). Processo de trabalho e processo de valorização. In: Antunes, R. *A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular. 30-58.
- Perez, K. V. (2014) Clínica do trabalho no contexto sindical: uma proposta de cuidado em saúde mental. In: Merlo, A. R. C., Bottega, C. B., & Perez, K. V. *Atenção à saúde mental do trabalhador: sofrimento e transtornos psíquicos relacionados ao trabalho*. Porto Alegre: Evangraf Ltda. p. 157-188.
- Pinheiro, L. R. S, & Monteiro, K. J. (2007). Refletindo sobre desemprego e agravos à saúde mental. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 10(2), 35-45. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25799/27532>.
- Seligmann-Silva, E. (2011). *Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo*. São Paulo: Cortez.
- Wickert, L. F. (1999). O adoecer psíquico do desempregado. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 19(1), 66-75. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931999000100006.

